

PAULO FREIRE E A ACADEMIA

PAULO FREIRE AND THE ACADEMY

Jason Ferreira Mafra

Mestre e doutor em Educação – USP;
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – Uninove.
São Paulo, SP – Brasil
jason@uninove.br

Viviane Rosa Querubim

Mestre e doutoranda em Educação – USP;
Professora da Graduação em Pedagogia – Uninove.
São Paulo, SP – Brasil
vivianequerubim@uninove.br

RESUMO: Este estudo revela Paulo Freire como objeto e referencial teórico de pesquisas em campos cada vez mais diversos do conhecimento. A presença de Freire na academia brasileira dá-se numa relação ambígua. Ainda que se observe um crescimento, relativamente expressivo, do interesse pela obra de Paulo Freire, há uma baixa disposição dos docentes em trabalhar com o referencial freiriano em seus cursos de graduação e pós-graduação, no âmbito da formação. Os levantamentos de dados apontam também para a contradição entre a repercussão da obra freiriana na investigação *strictu sensu* e o pequeno impacto de tais pesquisas no processo de disseminação e apropriação do referencial freiriano entre os profissionais da educação, sobretudo no que se refere à prática daqueles que estão inseridos nas modalidades educacionais do Ensino Básico.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire; Ensino Superior; Referencial Freiriano; Formação de Professores.

ABSTRACT: This study shows Paulo Freire as an object and theoretical research in increasingly diverse fields of knowledge. The presence of Freire in higher education occurs in an ambiguous relationship. Although growth is observed, relatively expressive of interest in the work of Paulo Freire, is a low willingness of teachers to work with the Freirian reference in its undergraduate and graduate, in the training. The survey data also point to the contradiction between the impact Freire's work in research in the strict sense and the small impact of such research in the process of dissemination and appropriation of reference Freirian among professionals in education, particularly in relation the practice of those inserted into the educational arrangements of Basic Education.

KEY WORDS: Paulo Freire; Higher Education; Freirian reference; Teacher Training.

1 Introdução

É relativamente conhecido o episódio no qual Rubem Alves redigiu um manifesto em defesa de Paulo Freire, por ocasião em que o educador nordestino foi convidado a trabalhar como docente na Unicamp. Por ser este um acontecimento emblemático, considerando a temática deste texto, vamos retomá-lo aqui, resumidamente.

Paulo Freire acabara de retornar ao Brasil, depois de 16 anos de exílio. Sem emprego, mas com muitos contatos, logo apareceram convites para a retomada de suas atividades profissionais na educação. Na Unicamp, não faltou apoio de docentes, amigos e alunos que seriam, mais tarde, seus colegas de trabalho. Entre outros, faziam parte do ciclo unicampinense Moacir Gadotti, Maurício Tragtenberg, Evaldo Vieira, Carlos Rodrigues Brandão, Adriano Nogueira e o próprio Rubem Alves.

Embora Freire fosse reconhecido, já naquela ocasião, como um dos intelectuais brasileiros mais importantes do campo educacional¹, o Reitor daquela universidade exigiu um parecer da Faculdade de Educação sobre o mérito do educador recifense ocupar tal cargo naquela instituição. Para essa missão indicou Rubem Alves, à época membro do Conselho Diretor da UNICAMP e já respeitado intelectual brasileiro. Indignado com a resistência do Reitor contra o nome de Paulo Freire, o escritor e psicanalista elaborou um documento que, ironicamente, ficou conhecido como “antiparecer”, já que, na verdade, tratava-se, como o próprio autor afirma no manifesto, de uma negação ao ato de emitir um parecer acadêmico sobre Freire.

Na carta, Rubem Alves, que leu o texto em público – segundo alguns presentes, com todo o ritual de beca e demais paramentos acadêmicos –, relembra a trajetória intelectual do educador brasileiro que, naquela ocasião, já havia recebido dezenas de títulos *honoris causa*, nas mais conceituadas universidades do mundo, tendo sua obra traduzida, também, para dezenas de idiomas. Depois de situar Paulo Freire ao lado de Cecília Meireles, Beethoven e Nietzsche, o parecerista concluiu o seu documento com os seguintes dizeres:

Não. Não posso pressupor que este nome não seja conhecido na Unicamp. Isto seria ofender aqueles que compõem seus órgãos

decisórios. Por isso, o meu parecer é uma recusa em dar um parecer. E nesta recusa vai, de forma implícita e explícita, o espanto de que eu devesse acrescentar o meu nome ao de Paulo Freire. Como se, sem o meu, ele não se sustentasse. Mas ele se sustenta sozinho. Paulo Freire atingiu o ponto máximo que um educador pode atingir. A questão é se desejamos tê-lo conosco. A questão é se ele deseja trabalhar ao nosso lado. É bom dizer aos amigos: “Paulo Freire é meu colega. Temos salas no mesmo corredor da Faculdade de Educação da Unicamp [...]” Era o que me cumpria dizer. (ALVES, Rubem, apud GADOTTI, 1996, p. 44-45).

Apesar do acontecido e, sobretudo, pelo apoio de inúmeros intelectuais progressistas, Paulo Freire exerceu atividades no Ensino Superior, até 1997, ano em que faleceu. Ministrando cursos, palestras e seminários em universidades de todos os continentes, conciliou essa agenda com a vida acadêmica na Unicamp e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

2 O legado de Paulo Freire no mundo

Ainda que nosso foco aqui seja estabelecer algumas aproximações sobre a situação do educador brasileiro na academia, sem a pretensão de esboçar qualquer estado da arte desse tema, entendemos a necessidade de contextualizar, ao menos de uma forma mais geral e muito breve, a inserção de Paulo Freire em termos mundiais, àqueles leitores que, não familiarizados com certas leituras do campo da educação², não conhecem a repercussão da obra freiriana. Por isso, faremos aqui uma breve descrição desse panorama.

Formado em Direto, Paulo Freire tornou-se nacionalmente conhecido, principalmente, a partir de 1963, em razão do bem-sucedido trabalho de alfabetização de adultos, realizado no Rio Grande do Norte, precisamente, na cidade de Angicos. Aquela experiência valeu-lhe o título de criador de uma proposta de alfabetização, que levou o seu nome: o “Método Paulo Freire”. Em 1964, foi indicado para o trabalho de coordenador do

Programa Nacional de Alfabetização, pelo governo João Goulart. Nesse mesmo ano, após o golpe militar que instaurou a ditadura no Brasil, foi preso, tendo de se exilar, primeiramente, na Bolívia, por algumas semanas, e, em seguida, no Chile, onde permaneceria até 1969.

No exílio chileno, durante o governo do democrata-cristão, Eduardo Frei, trabalhou no Movimento de Reforma Agrária daquele país. Em 1967, sua primeira obra de grande impacto, *Educação como prática da liberdade*, foi publicada no Brasil. No ano seguinte, concluiu o *Pedagogia do oprimido*, cuja primeira edição foi realizada nos Estados Unidos, em inglês. Cabe lembrar que, antes de ser editada no idioma original, essa obra foi traduzida e publicada para o espanhol, francês, italiano e alemão (FREIRE, 1999, p. 62). Entre 1969 e 1970, Paulo Freire trabalhou em Harvard por dez meses e, na década seguinte, foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, assumindo inúmeras missões pedagógicas, coordenou programas educacionais e ministrou cursos e seminários em muitos países europeus, africanos, asiáticos, oceânicos e americanos. Retornou ao Brasil, em 1980, após o início da abertura política. Foi Secretário de Educação Municipal, entre 1989 e 1991, no Governo de Luiza Erundina.

Ao falarmos da repercussão da obra freiriana, gostaríamos de expor algumas distinções entre “legado” e “herança”, uma vez que esses termos têm provocado algumas confusões, como já nos alertou o freirianista José Eustáquio Romão³.

Embora haja proximidades entre as ideias que perpassam os dois termos, herança, em geral, diz respeito mais especificamente aos direitos de familiares e parentes sobre os bens materiais de um finado ou de uma finada. A definição jurídica relata que se trata da “[...] totalidade do patrimônio, incluindo bens, direitos e também dívidas, deixado por alguém em razão do seu falecimento, e que será distribuída entre os herdeiros; patrimônio que se recebe por sucessão hereditária.” (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, 2001).

Legado possui um sentido um tanto amplo e se aproxima mais da ideia de lastro histórico. Muitas vezes, tem a ver com a história das civilizações ou movimentos histórico-sociais. Assim, falamos do legado dos persas e incas; do legado iluminista e da tropicália; do legado cristão. Em grande medida ele se traduz como significado de expressão cultural de um povo;

de uma geração. Ainda na descrição lexical encontramos a definição de legado como “[...] o que é transmitido às gerações que se seguem [...]”, ou, então, “[...] missão confiada a alguém [...]” (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, 2001).

O verbo “reinventar” era uma das prerrogativas de Paulo Freire, quando ele discutia o problema da continuidade de sua obra. Disse isso em frequentes conversas com amigos e em seus próprios textos.

Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, que se esforcem por recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto. (FREIRE, 1987a, p. 17).

Por tratar-se, então, de uma continuidade dialética, isto é, que se reinventa historicamente, entendemos que a noção de legado é a que mais reflete a contribuição humanística que Paulo Freire deixou e queria deixar com o seu trabalho. Diferente da ideia de herança, que, transmitida hereditariamente, pertence aos familiares, o legado freiriano não se reduz à sua contribuição biobibliográfica. Ele se estende na expansão dessa produção por aqueles e aquelas que, inspirados na tradição da *Pedagogia do oprimido*, dão continuidade, teórica e prática, à perspectiva educacional proposta por esse pensador.

Assim, quando observamos tal expansão, não é exagero falar-se de uma “apropriação” planetária da biobibliografia freiriana. Indícios dessa apropriação foram percebidos, por exemplo, a partir do estudo de inúmeras mensagens dedicadas a Paulo Freire – enviadas a ele por *e-mails* ou manuscritas no livro do velório –, por ocasião de sua morte, em 2 de maio de 1997. A análise dos discursos de tais escritos (considerando suas formas, conteúdos, contextos etc.) concluiu que Paulo Freire “[...] penetrou nas vidas dessas pessoas e transformou a visão que elas tinham sobre educação [...]” (GADOTTI, 2001, p. 14). Entre outras evidências, percebeu-se, também, que “[...] as pessoas não escrevem apenas *sobre* as idéias de Paulo Freire, mas, sim *com* elas [...]” (GADOTTI, 2001, p. 14, grifos do autor), apropriando-se do pensamento freiriano e transformando-o em referencial de vida.

No livro intitulado *Um legado de esperança*, Moacir Gadotti, que viveu e acompanhou de perto o trabalho de Freire por mais de 20 anos, sustenta que Paulo Freire tinha consciência do caráter público e universal do seu legado, como alguém que sabia que, dentro dessas circunstâncias históricas, produziu algo para além de sua pessoa. Segundo Gadotti (2001, p. 15), ele “[...] não se incomodava em ver certos escritos dele reproduzidos sem consulta prévia.” O diretor do Instituto Paulo Freire relata o episódio em que Freire só ficou sabendo de um livro inédito publicado por um grupo de educadores argentinos, quando lhe mostraram os originais em espanhol (GADOTTI, 2001, p. 15-16). Trata-se da obra *Educacion y cambio*, traduzida ao português, posteriormente, sob o título *Educação e mudança*. Esse livro foi organizado a partir dos textos de Freire que haviam sido escritos na época de seu trabalho no Chile. Carlos Torres, outro conhecido freirianista, e que se encontrou várias vezes com o pensador brasileiro, dá testemunho do desprendimento do educador em relação ao domínio público de sua imagem e suas criações.

Freire disse para mim: “eu gosto de ser ‘usado’ para coisas boas”. E ele aceitava os meus convites. E, às vezes, quando ele não queria ir eu dizia “Paulo a sua ida é politicamente importante por isso”. E ele ia. Gadotti conversou muito isso com ele e continuamente ele dizia “eu gosto de ser ‘usado’ para coisas boas”. (TORRES, 2005, entrevista).

Depois de Elza, com quem o educador esteve casado por mais de quatro décadas, Lutgardes Costa Freire, filho caçula, foi a pessoa que mais acompanhou Paulo em suas andanças. Sociólogo, professor de idiomas e coordenador dos Arquivos Paulo Freire, ele atesta, igualmente, o desapego do pai no que diz respeito a certas questões materiais.

O meu pai realmente era uma pessoa desprendida. Uma coisa que incomodava até a minha mãe, às vezes... Uma pessoa chegava em casa, gostava de um quadro e, às vezes, sem cerimônia, ele presenteava o visitante com aquele quadro. Desde os tempos do Recife, mas, também na época do exílio e, mesmo depois quando retornamos ao Brasil, ele era assim. Era uma pessoa

simples, humilde. Usava roupas e tênis simples. Quando viajava de avião ia sempre de classe econômica, mas, fazia distinção sobre custos de palestras, cursos etc. Nos países ricos esse custo era mais alto, mas, no Brasil, ou qualquer outro país da América Latina ele cobrava muito menos, às vezes, trabalhava até de graça. Com relação aos seus livros, ele não ligava muito para essas questões de direitos autorais, advogados etc. A preocupação dele era com os textos dos livros, as traduções, revisões que ele fazia sempre nos seus escritos para melhorar as próximas edições. (FREIRE, L., 2007, entrevista).

Ao discutir as implicações do legado freiriano, Gadotti (2001, p. 15) afirma que Paulo Freire “[...] tinha consciência de que tudo o que havia escrito pertencia àqueles para os quais ele havia escrito: os oprimidos.”

De uma perspectiva, falar da disseminação do legado freiriano é preciso recuperar parte da história da *Universitas* Paulo Freire (Unifreire), instituição que esteve sob nossa coordenação durante os anos de trabalho no Instituto Paulo Freire (2000 – 2010).

Criada por educadores e pesquisadores de vários países, reunidos na cidade de Bolonha, durante o II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire⁴, a Unifreire tem, entre outras, a função de identificar, contar, conectar e promover a articulação de diferentes grupos, instituições e pessoas que trabalham com o legado de Paulo Freire no mundo. Faz parte também de seus propósitos, apoiar iniciativas que realizam ou desejam realizar estudos ou ações referenciadas na obra de Paulo Freire. Assim, além coordenar os encontros internacionais do Fórum Paulo Freire, ocorridos bienalmente, desde 1998, em diferentes países, a Unifreire promove, continuamente, o diálogo com a comunidade freiriana no mundo e no Brasil, seja por meio dos contatos virtuais, seja atendendo a demanda de pesquisadores e grupos que, semanalmente, visitam o Instituto Paulo Freire.

Com aquele trabalho, organizamos um mapeamento que nos ajudou a ter uma dimensão da obra freiriana⁵. Não é possível expor esse quadro todo aqui. Apenas para termos uma visão aproximada, podemos dizer que, de fato, são raros os países em que não se encontrem pessoas ou grupos estudando ou exercendo alguma atividade educativa inspirada na obra de Paulo Freire. Até o ano de 2009, por exemplo, havíamos tido contato, presencial

ou a distância, com pessoas de mais de 130 países. Para não mencionar outros tipos de organizações, somente os grupos estruturados ou em fase de estruturação, existiam, à época, cerca de 60 núcleos de cátedras livres e institutos Paulo Freire espalhados pelo mundo (MAFRA, 2008).

Além de toda a América e Europa, países como Afeganistão, Israel, Palestina, Egito, Tanzânia, Mongólia, Indonésia, Ilhas Fiji, Índia, Timor Leste, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Indonésia, entre muitos outros estados africanos, asiáticos e oceânicos, são lugares onde as marcas freirianas se fazem presentes, seja por meio da atividade acadêmica, seja por ações educativas.

No campo da investigação acadêmica, especialmente no que diz respeito à produção de dissertações e teses, os trabalhos são incontáveis. Nas mais renomadas universidades do mundo, entre as quais, Harvard, Ucla, Universidade de Tóquio, Sorbonne, Stanford, Upsala, Berlim, Bolonha, Bristol, Oxford, Toronto, Seul, África do Sul⁶, só para citar algumas, encontram-se inúmeras pessoas ou grupos que se dedicam aos estudos sistemáticos da obra de Paulo Freire.

3 Presenças e ausências de Freire no Brasil

Não há dúvidas de que a obra de Paulo Freire teve enorme repercussão, nacional e internacional, nas décadas de 1960 e 1970. No Brasil, em razão da ditadura militar – e apesar dela – suas ideias ecoavam com grande cautela, sobretudo de forma clandestina (CASALI, 2009, p. 124), seja nos meios acadêmicos, seja no âmbito da educação popular. Paradoxal, nesse período, é o fato, diga-se, razoavelmente conhecido, de que alguns elementos contidos no “Método Paulo Freire” foram apropriados e distorcidos pelo Movimento de Alfabetização Brasileira (Mobral), criado e mantido pelos governos militares, até a metade da década de 1980. Essencialmente, tentava-se “aproveitar” elementos técnicos do Método – como a seleção e o uso de palavras geradoras⁷ – descharacterizando-o, sobretudo, em sua dimensão política, sem a qual, a alfabetização continuava a ser instrumento de domesticação, e não mais de conscientização, como propunha o projeto freiriano.

No restante do mundo, evidentemente, com maior ou menor grau de inserção, dependendo do país, já que os escritos de Paulo Freire sofriam resistências dos governos autoritários, a obra freiriana se expandia entre os movimentos sociais e dentro das principais universidades, tornando-se, inclusive, referência teórica de programas educativos nacionais, como ocorreu nos casos de Guiné-Bissau, Nicarágua e São Tomé e Príncipe. Não foi por outra razão que, para debater sua própria obra, Paulo Freire se dividiu, durante esse período, entre os trabalhos de coordenação de programas educacionais e as inúmeras atividades acadêmicas (cursos, minicursos, seminários, palestras, colóquios etc.) desenvolvidas em países dos cinco continentes.

Para se ter uma visão representativa da repercussão do legado freiriano, até a década de 1990, a obra *Paulo Freire: uma biobibliografia* (GADOTTI, 1996) é uma importante referência. O livro, escrito com a colaboração de vários pesquisadores, reúne, em quase 800 páginas, biografias, dados, depoimentos, artigos e indicações de trabalhos sobre o educador brasileiro. É composto também por relatos e textos de pessoas do Brasil e de vários países de todos os continentes. Entre livros, dissertações e teses, os organizadores catalogaram, nesse compêndio, 320 obras (GADOTTI, 1996, p. 327-370) sobre ou referenciadas em Paulo Freire, além de outras centenas de artigos, resenhas e demais tipos de materiais relacionados ao pensador brasileiro.

À época, esse trabalho, que envolveu a equipe do Instituto Paulo Freire, exigiu recorrer a variadas fontes para que fosse possível acessar e registrar esse acervo. Vale lembrar que o ano de 1995, quando essa pesquisa foi realizada, marcou o início da internet no Brasil. Significa que, mesmo que os seus organizadores já tivessem acesso à rede mundial de computadores, muita coisa não se poderia conseguir por esse meio, uma vez que os acervos bibliográficos e acadêmicos disponíveis na rede eram raros.

Cerca de 15 anos depois, em 2011, as referências sobre Paulo Freire em uma única base de dados, considerando somente teses e dissertações, superaram em número aquele primeiro levantamento. Uma busca instantânea no *site* do sistema da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, do Brasil – é um exemplo. Usando-se a expressão “Paulo Freire”, seguida da palavra

“educação”, tal pesquisa revelou que existiam 407 trabalhos, entre teses e dissertações, desde 1996, sobre o educador. Para uma ligeira comparação com outros nomes conhecidos da educação no século XX, recorrendo-se à mesma metodologia de busca, encontramos 352 ocorrências para a expressão “Anísio Teixeira”; 143 para “Jean Piaget”; e 22 para “John Dewey” (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2011).

No sistema da *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), em cujo acervo encontram-se trabalhos de 13 países da América Latina (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, Paraguai, Peru, México, Venezuela e Uruguai), mais Portugal e África do Sul, no mesmo período pesquisado, foram encontradas 89 ocorrências para “Paulo Freire”, 23 para “John Dewey”, 22 para “Jean Piaget” e 26 para “Anísio Teixeira” (SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE, 2011). Neste acervo, os trabalhos não dizem respeito a dissertações ou teses, mas a artigos e periódicos científicos.

Evidentemente que esse é apenas um levantamento de superfície já que, em um estudo rigoroso, com vistas a um estado do conhecimento desse tema, torna-se necessário um procedimento metodológico complexo que sustente a perspectiva epistemológica sobre o que se deseja investigar, o que não é possível aqui, dados os limites deste artigo. Todavia, o que se pode concluir nesse momento, com base nessas informações e na experiência deste pesquisador com a temática, é de que, na última década e meia, tem crescido de forma muito expressiva o interesse pela obra de Paulo Freire, no âmbito da academia.

Tal crescimento ocorreu não apenas quantitativamente, mas de maneira qualitativa, considerando a variedade temática dos trabalhos, o que insere Freire como objeto e referencial teórico de pesquisas em campos cada vez mais diversos do conhecimento. Apenas para termos uma ideia aproximada desse quadro, no Brasil, tomamos como referência, para um rápido exame, os cem primeiros trabalhos (teses e dissertações) do banco de dados do IBICT⁸, que expõem em seus resumos abordagens a partir dos aportes freirianos.

Além dos vários trabalhos relativos às temáticas mais comuns do cotidiano da educação – como alfabetização, aprendizagem, gestão, currículo, avaliação, administração, disciplina, violência, inclusão etc. –, en-

contramos investigações fundamentadas em referenciais freirianos, entre vários outros, nos seguintes temas⁹:

- a) Administração – “Autogestão em cooperativas populares: os desafios da prática”.
- b) Arquitetura – “O arquiteto e o processo de projeto participativo”.
- c) Cardiologia – “Promoção da saúde cardiovascular a partir da representação de adolescentes sobre hábitos alimentares e prática de atividade física”.
- d) Corpo – “Corporeidade e educação: um olhar a partir da epistemologia social”.
- e) Direito – “As razões da ineficácia das instituições jurídico-políticas brasileiras: uma análise histórica à luz do culturalismo filosófico”.
- f) Educação a distância – “A prática de diálogo em Paulo Freire na educação on-line, uma pesquisa bibliográfica digital”.
- g) Educação e linguagem – “Pedagogia do neologismo: diálogos sintático-semânticos na obra de Paulo Freire”.
- h) Educação indígena – “Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia: desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo, Equador”.
- i) Educação no campo – “Limites e possibilidades na prática da pedagogia freireana pela extensão rural: o caso do assentamento Fazenda Pirituba”.
- j) Enfermagem – “Modo de vida de portadores de hipertensão arterial sistêmica assistidos em uma unidade de saúde da família: dialética do subjetivo e objetivo”.
- k) Ensino da segunda língua – “O ensino da língua inglesa e a construção do espaço público para aprendizagem e o exercício da cidadania: reflexões sobre uma experiência utópica”.
- l) Ensino Superior – “A politicidade da educação no pensamento de Paulo Freire e nos saberes dos concluintes do curso de pedagogia”.
- m) Espiritualidade – “Espiritualidade e pedagogia do desejo: um diálogo entre Paulo Freire e René Girard”.
- n) Medicina – “O pensamento crítico social de Paulo Freire sobre humanização e o contexto da formação do enfermeiro, do médico e do odontólogo”.

- p) Meio ambiente – “Educação ambiental e cidadania: o exemplo da poluição do ar em Rio Grande”.
 - q) Mídia – “Uma conversa na escola: o diálogo e a mídia”.
 - r) Música – “Projeto canto orfeônico no Brasil: uma análise crítica à luz da pedagogia libertadora de Paulo Freire”.
 - s) Políticas do conhecimento – “A pedagogia da migração do software proprietário para o livre: uma perspectiva freiriana”.
 - t) Psicologia – “A palavra em Paulo Freire e a palavra em Jacques Lacan”.
 - u) Redes virtuais – “Blogs de escolas: possibilidades de construção de ambiências comunicativas”.
 - v) Religião – “Pressupostos pedagógicos e teológicos da EBD da Igreja Batista: uma leitura crítica da proposta de Lécio Dornas a partir de Paulo Freire e Juan Luis Segundo”.
 - w) Saúde – “Educação em saúde com prostitutas na prevenção das DST/Aids: reflexões à luz de Paulo Freire”.
 - x) Sexualidade – “Sexualidade na adolescência: trabalhando a pesquisa-ação com referenciais teórico-metodológicos de Paulo Freire”.
 - y) Sindicalismo – “Paulo Freire e a política nacional de formação da CUT: identidades político-pedagógicas”.
 - z) Teatro – “O ensino da dramaturgia shakespeariana no Brasil: realidade e perspectivas”.
- Tecnologias da Informação – “A criação de um ambiente virtual: o registro da pesquisa na Cátedra Paulo Freire da PUC-SP”.

Como podemos notar, tomando apenas essa pequena amostra, a repercussão da obra freiriana na pesquisa *strictu sensu* não tem encontrado barreiras, no que diz respeito à incorporação desses referenciais em diferentes campos de estudo.

Todavia, se, por um lado, há uma nítida ascensão dos estudos freirianos, por outro, observamos que, em grande medida, os espaços acadêmicos constituem-se, ainda, como lugares de resistência a Paulo Freire. Isso pode ser sentido tanto pelo desconhecimento com que nossos alunos, graduandos e pós-graduandos, expressam em relação à obra de Freire, quanto pelo baixo interesse dos docentes em trabalhar com o referencial freiriano em seus cursos. Uma leitura das indicações bibliográficas das disciplinas ministradas

nos cursos de graduação e pós-graduação nos revela quão ausentes (ou presentes) encontram-se os referencias freirianos nesses meios.

É bastante comum nos depararmos com alunos recém-formados em pedagogia que jamais leram um texto de ou sobre Paulo Freire, ficando, no limite, nas manjadas frases, frequentemente usadas como epígrafes nas monografias e demais trabalhos universitários. Por época de nossas atividades no Instituto Paulo Freire, pudemos fazer levantamentos de instituições de Ensino Superior que, no Brasil, realizam, seja por meio de grupos, seja por ações isoladas de professores, investigações da obra freiriana. Até 2009, não havíamos registrado mais de 15 espaços universitários com esse perfil. Ainda assim, há que se destacar, a maioria deles, surgidos por iniciativas dos alunos e, em muitos casos, pelo incentivo da instituição que representávamos, como os casos dos núcleos de estudos freirianos e das cátedras Paulo Freire.

Mas isso não é de agora. Os mais atentos para esse tema devem se recordar que, no Brasil, especialmente, a partir da segunda metade da década de 80, até o final década de 90, do século XX, a teoria freiriana foi expurgada de muitos circuitos acadêmicos, sobretudo àqueles mais expressivos do cenário nacional.

Não por coincidência, foi naquela época que algumas correntes pedagógicas – inclusive provenientes de alas progressistas do pensamento educacional brasileiro e que buscavam afirmação no campo – tentaram confinar o pensamento freiriano, desconstruindo-o e reconstruindo-o, por vezes, sob os conhecidos estigmas. Não rigoroso, ingênuo, restrito à educação de adultos, herdeiro da pedagogia cristã, representante da pedagogia libertária (diga-se, em oposição à libertadora), eclético, idealista etc., eram algumas tarjas das muitas críticas imputadas ao pensamento de Freire.

Curioso é que, ao mesmo tempo em que era visto como “não rigoroso” e “eclético”, por uns, foi também condenado por sua “ortodoxia e conservadorismo”, por outros, que o circunscreveram no grupo dos apegados aos “velhos paradigmas”. Faziam parte desses últimos críticos tanto educadores das novas gerações que nunca haviam lido, com acuidade (ou leram apenas indiretamente), Paulo Freire, quanto nomes tradicionais da educação que, seduzidos pelo novo contexto neoliberal, iludiram-se pelo conto fukuyamense do fim da história, tão em voga naquele período.

Analisando o significado político-pedagógico de Paulo Freire naquela época, e situando o educador como um “guardião da utopia”, Milton Santos afirmou o seguinte: “[...] numa fase em que os intelectuais renunciaram à cena, numa fase em que o mundo passou a descrever do futuro, ele continuou com essa enorme fé que transparece em toda a sua obra e que faz dele um profeta.” (apud PAULO FREIRE: memória e presença, 1998). O grande geógrafo brasileiro disse isso em 3 de maio de 1997, no teatro TUCA, durante o velório de Freire, provavelmente, como tantos ali, sem saber que o educador brasileiro, que discutiu as grandes temáticas de sua época com os maiores pensadores do seu tempo – Eric Fromm, Enrique Dussel, Bogdan Suchodolski, Ivan Illich etc. –, preparava-se para mais um importante encontro, dessa vez, com Jürgen Harbemas.

4 Conclusão

O balanço das informações aqui levantadas sobre a presença de Paulo Freire na academia brasileira nos leva a afirmar que há uma situação aparentemente ambígua. Se, por um lado, os números de produções no âmbito acadêmico, precisamente no *strictu sensu*, revelam uma tendência de crescimento do interesse pelos estudos freirianos nos últimos 15 anos, por outro, tais estudos não impactaram significativamente o processo de disseminação e apropriação do referencial freiriano entre os profissionais da educação. Levantamento em uma escola pública estadual da região Noroeste da cidade de São Paulo mostrou que, de um grupo de 32 professores, composto por recém-formados e profissionais com até 25 anos de magistério, apenas uma professora havia lido, de forma sistemática, um texto do educador brasileiro. Ressalta-se que a mesma não o fez durante o curso de graduação.

Evidentemente, os dados apresentados aqui ainda não nos autorizam a estabelecer generalizações definitivas. Todavia, revelam indícios de que a resistência ao pensamento freiriano ainda permanece com grande vitalidade no campo acadêmico. Se não podemos afirmar certas teses, neste momento, podemos, pelo menos, levantar algumas questões, as quais, se respondidas, talvez, possam nos auxiliar na construção de futuras hipóteses. Entre outras indagações, vale nos perguntar: a) A ausência de Freire

nos currículos acadêmicos se justificaria pelo fato de o pensador ser ainda relativamente desconhecido entre dos docentes brasileiros? b) No caminho inverso, embora relativamente conhecido, Paulo Freire não seria, ainda, suficientemente “reconhecido” no campo acadêmico, para situar-se ao lado dos pensadores que compõem os quadros bibliográficos do Ensino Superior? c) Sua teoria estaria ultrapassada no olhar da academia? Nesse caso, o que explicaria o exponencial crescimento do interesse por sua obra no Brasil e no mundo, hoje?

O professor Romão, em uma arguição, por ocasião de uma banca de doutorado, de que participou um dos autores deste texto, apresentou-nos uma hipótese sobre essa temática, a de que Freire representaria uma ameaça aos cânones e à autoridade acadêmica dos cientistas e *scholars*, na medida em que sua presença legitima os saberes do oprimido. Nesse sentido, sua obra, que convoca a coerência entre teoria e prática de uma educação em defesa dos oprimidos poderia, igualmente, tornar-se um incômodo aos espaços acadêmicos? Essas e outras questões não podem ser respondidas aqui. Necessitam de uma investigação profunda, como quaisquer indagações que buscam respostas para um objeto de pesquisa.

Paulo Freire recebeu inúmeras homenagens em vida, dentro e fora do Brasil. Vários prêmios, dezenas de títulos *honoris causa*. Relembra-lo como um dos brasileiros que mais nos orgulham, pelo que significou à educação latino-americana e mundial, é quase um dever. Todavia, mais do que as justas homenagens, em nossa opinião, Freire precisa ser “conhecido” e “reconhecido” em nosso “campo” e, como ele, os trabalhos daqueles que dão continuidade à história da educação libertadora. Isso deve ser feito porque as razões que tornaram necessária a *Pedagogia do oprimido* ainda se encontram entre nós. Desse ponto de vista, somente uma epistemologia da denúncia, capaz de ler este mundo, pode conter em si uma epistemologia do anúncio, capaz de projetar outro mundo. Sem isso, não pode haver utopia, nem mudança.

Notas

- 1 Em depoimento, em 1984, Fernando Henrique Cardoso, então Senador da República, deu a seguinte declaração, “Eu convivi com Paulo Freire por muito tempo, primeiro em Santiago e, mais esporadicamente, quando ele estava na Suíça e [...] naquela época ele era já um homem

muito famoso, um homem que tinha pôster nos Estados Unidos, com a cara dele, que fazia conferências em toda a parte do mundo [...] É preciso conhecê-lo de perto para entender depois como é que ele teve tanta influência e tem tanta influência pelo mundo afora [...] eu acho que ele, seguramente, é hoje no mundo, talvez, um dos cinco brasileiros mais conhecidos nos meios intelectuais. Seguramente, o Paulo está entre esses cinco, e na área dele é imbatível, é uma força realmente enorme, uma capacidade enorme de conhecimento.” (CARDOSO, 2005, p. 85). Os autores deste artigo entendem que este depoimento não entra no rol das obras recomendadas ao esquecimento pelo depoente, se é verdade, como dizem, que o referido sociólogo renegou os seus escritos.

- 2 Salientamos que este livro, embora escrito com vistas a atingir grupos específicos, já que resulta de um Seminário de Educação e foi produzido no âmbito da academia, pode ser lido por um público de variada formação. Daí, entendemos, a necessidade de se apresentar um rápido contexto da vida acadêmica e bibliográfica de Freire.
- 3 Um dos principais estudiosos do pensamento freiriano e um dos fundadores do Instituto Paulo Freire, criou, com outros pesquisadores, em 2001, a “Cátedra do oprimido” (ROMÃO, 2001, p. 18) que, constituída por mais de cinquenta estudiosos brasileiros e de outros países, realiza investigações, focalizando, em diversas áreas, os “paradigmas do oprimido”. Dentre outros trabalhos de pesquisa sobre Freire, Romão coordena, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho (Uninove), o Grupo de Pesquisas Freirianas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológicas (CNPq).
- 4 Criado em 1998, o Fórum Paulo Freire é um evento bienal, cujo primeiro encontro foi realizado no Brasil, na cidade de São Paulo. Os demais encontros ocorreram na Itália (na Universidade de Bologna, 2000); nos Estados Unidos (Universidade da Califórnia – Los Angeles, 2002); em Portugal (Universidade do Porto, 2004); na Espanha (Universidade de Valência, 2006); em São Paulo (Pontifícia Universidade Católica, 2008); em Praia (Universidade de Cabo Verde, 2010). Abordando temáticas específicas em cada uma de suas edições, o objetivo do Fórum é reunir pesquisadores de diferentes países, na perspectiva de socializar e confrontar os atuais estudos em educação, contribuindo, assim, para a continuidade e atualização do legado freiriano.
- 5 No livro *Reinventando Paulo Freire no século 21*, (TORRES et. al., 2008), no capítulo “Apresentação da Unifreire – Utopia e projeto possível”, aborda-se a história da Unifreire e da formação da comunidade freiriana espalhada pelo mundo, mostrando um pouco do significado deste legado.
- 6 Resultados de investigações freirianas realizadas nestes centros de excelência podem ser localizados facilmente nos sites dessas universidades. Neles, encontram-se inúmeros artigos sobre Freire, além de tantos outros em que o pensador brasileiro é tomado como referencial teórico de tais reflexões. (Conf. PITYANA, 2011; ZIL, 2011).
- 7 Na prática pedagógica freiriana, a escolha das palavras geradoras e o trabalho que se desdobra com elas no processo educativo nunca foram operações meramente técnicas, como entendiam, ou desejavam entender, os teóricos da alfabetização do governo militar. Antes de tudo, configuravam-se em procedimentos eminentemente político-gnosiológicos, pois, partiam do princípio de que a leitura do mundo dos educandos, de onde originam tais palavras, é o ponto inicial e razão mesma do trabalho educativo libertador, seja pelo respeito aos saberes discentes no processo de conscientização, seja pela convicção de que tal procedimento supera, epistemologicamente, outros modelos de alfabetização.
- 8 Todos esses trabalhos estão acessíveis ao público por meio do *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que pode ser acessado pelo seguinte endereço: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Por tal razão, entendemos não ser necessário expor aqui outros dados e informações bibliográficas dos trabalhos.
- 9 Observemos que em alguns títulos não aparece o nome de Paulo Freire ou termos derivados – como freiriano, freiriana. Todavia, em todos os trabalhos, como pudemos examinar, identificamos os aportes freirianos, seja como referencial principal, seja associado a outros autores na composição do quadro teórico dessas produções.

Referências

- CARDOSO, Fernando Henrique. Os amigos. In: BLOIS, Marlene Montezi. *Re-encontros com Paulo Freire*. Niterói: Fundação Euclides da Cunha, 2005. p. 85.
- CASALI, Alípio. A pedagogia do oprimido: de clandestina a universal. In: MAFRA, Jason Ferreira (Org.); ROMÃO, José Eustáquio; SCOCUGLIA, Afonso Celso;
- GADOTTI, Moacir. *Globalização e educação: 40 anos da pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Editora Esfera, 2009.
- DIRECTORATE: CURRICULUM AND LEARNING DEVELOPMENT (DCLD). *The inclusion of the UNGC principles in UNISA curricula*. Disponível em: <http://www.unisa.ac.za/ungc/docs/THEINCLUSION_UNGCPRINCIPLES.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2011.
- FREIRE, Lutgardes Costa. *Cotidianidade de Paulo Freire*. Entrevistador: Jason Ferreira. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 22 mar. 2007. 1 CD (25 min).
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.
- _____. *Pedagogia da esperança*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996.
- _____. *Um legado de esperança*. São Paulo: Cortez, 2001.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <<http://www.ibict.br>>. Acesso em: 8 mar. 2011.
- MAFRA, Jason. Apresentação da Unifreire: utopia e projeto possível. In: TORRES, Carlos; GUTIERREZ, Francisco; ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir; GARCIA, Valter Esteves. *Reinventando Paulo Freire no século 21*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.
- PITYANA, N. Barney. *Deepening the education policy dialogue: prospects and challenges into the second decade of democracy*. Disponível em: <<http://www.unisa.ac.za/CSE/results4.html?cx=007695182051780472712%3A11&ie=UTF-8&q=paulo+freire#988>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

ROMÃO, José Eustáquio. *Diálogos através de Paulo Freire*. In: CORTESÃO, Luiza et al. Disponível em: <http://www.ipfp.pt/publicacoes/N_3%20Dialogos%20atraves%20de%20Paulo%20Freire.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2011.

SANTOS, Milton. In: PAULO FREIRE: memória e presença (documentário). São Paulo: Instituto Paulo Freire/Alter Cyber Mídia S/C LTDA., 1998. 1 Videocassete (21 mim.), VHS, son., col.

SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 8 mar. 2011.

TORRES, Carlos Alberto. *Paulo Freire: epistemologia, axiologia e práxis*. Entrevistador: Jason Ferreira Mafra. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 12 dez. 2005a. 1 CD (119 min).

_____.; GUTIERREZ, Francisco; ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir; GARCIA, Valter Esteves. *Reinventando Paulo Freire no século 21*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

ZYL, John van. *Civil society and broadcasting in South Africa: protecting the right to communicate*. Disponível em: <<http://www.unisa.ac.za/default.asp?Cmd=ViewContent&ContentID=7156>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

Recebido em 30 set. 2011 / Aprovado em 2 dez. 2011

Para referenciar este texto

MAFRA, J. F.; QUERUBIM, V. R. Paulo Freire e a Academia. *EccoS*, São Paulo, n. 26, p. 19-36, jul./dez. 2011.